



CONJUNTURA

Pobres informais

O grande depositário de pobres brasileiros não é o desemprego mas a informalidade. Pessoas que têm trabalho, trabalham, mas não ganham o suficiente para sustentar as suas famílias. Agora, se queremos entender minimamente o problema da informalidade, a sua diversidade tem de ser endereçada. Nesse sentido, a agregação do heterogêneo grupo de trabalhadores por conta própria, lado a lado com os empregados sem carteira assinada, talvez esconda mais do que revele.

O conta-própria é aquele que, simultaneamente, não tem patrão e nem empregados. De acordo com a natureza das relações trabalhistas, o conta-própria ou o sem-patrão/sem-empregados seria o *primo pobre* do empregador enquanto o empregado sem carteira seria o *primo pobre* do empregado com carteira. Ou seja, a principal relação de parentesco que une os autônomos e os sem-carteira seria a pobreza.

Agora, muitas vezes, queremos sintetizar a situação social-trabalhista. Em vez de trabalharmos com o conceito de informalidade ou, ainda, combiná-lo com a definição internacionalmente aceita de desemprego, numa única medida. Melhor seriam medidas de bem-estar baseadas em renda do trabalho familiar *per capita* – renda familiar total dividida pelo número de familiares. Este conceito resume uma série de fatores operantes sobre o trabalho de todos os familiares, como os níveis de ocupação e de rendimento, auferidos de maneira formal ou informal. Além de sintética, ela pode ser calculada com as mesmas pesquisas usadas para auferir mensalmente o desemprego. Outra vantagem é constituir um estágio para o cálculo de medidas mais amplas de bem-estar social e de pobreza.

Marcelo Côrtes Neri – Instituto Brasileiro de Economia/FGV